

Bresser pode definir o fim da moratória

MOISÉS RABINOVICI
Nosso correspondente

WASHINGTON — O ministro Bresser Pereira chega hoje aos Estados Unidos para anunciar aos banqueiros credores que "o Brasil quer sair da moratória", como ele confirmou, ontem, numa conversa telefônica à sua assessoria que já trabalha na embaixada brasileira de Washington.

"O Brasil quer estabelecer uma data com os bancos credores para a apresentação formal de uma proposta para a saída da moratória" — informou Francisco Baker, porta-voz do ministro Bresser Pereira, depois da conversa telefônica.

O recado aos banqueiros credores será dado hoje mesmo, em Nova York, pelo negociador especial da dívida, Fernão Bracher, e pelo presidente do Banco Central, Fernando Milliet. Quem o dirá ao governo norte-americano e às instituições multilaterais de crédito, em Washington, será o próprio ministro Bresser Pereira, também a partir de hoje.

O Brasil sairá da moratória "tão logo haja condições", explicou Baker, em Washington. Uma das condições seria o refinanciamento da totalidade dos juros devidos este ano, e uma parte substancial dos juros do ano que vem. Uma outra, o **spread** zero, uma intenção que tão logo foi anunciada no Brasil, numa entrevista a **O Estado**, provocou o aumento do **spread** para os bancos brasileiros em Nova York. Por isso, aqui, a posição brasileira parece ter sido um pouco alterada:

"Queremos o menor **spread** possível. Idealmente, o zero, mas tão logo falamos nisso, os bancos pularam..." — comentou Baker, acrescentando: "Isto é o básico. A outra condição é a de não existir condições".

O ministro Bresser Pereira, em sua conversa telefônica da manhã de ontem, ainda reafirmou que "não

vem negociar nada", e que espera apenas "conhecer pessoalmente nossos interlocutores". Do encontro com o diretor-geral do FMI, Michel Camdessus, ele disse que espera obter somente um relatório favorável de seu Plano de Controle Macroeconômico.

O programa detalhado desta primeira visita do ministro Bresser Pereira aos Estados Unidos ficou pronto apenas na manhã de ontem. Hoje, às 14h30, ele se encontrará com "don" Antonio Ortiz Mena, o presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento. E o resto da tarde

será passada no Congresso: às 15h15, ele terá uma reunião com o senador democrata Bil Bradley; às 16h30, irá ao subcomitê do Hemisfério Ocidental, e às 18h, vai se reunir com outro senador democrata, Christopher J. Dodd.

O ministro Bresser Pereira vai ao FMI na quinta-feira, às 9h30, para uma conversa com seu diretor-geral, Michel Camdessus. Às 11h30, estará no Departamento do Tesouro, onde o espera o secretário James Baker. E às 15 horas, no Federal Reserve, o banco central norte-americano, onde verá seu presidente, o demissionário Paul Volcker. No final da tarde, na embaixada brasileira, ele receberá os jornalistas brasileiros, embarcando depois para Nova York.

Na sexta-feira, o ministro Bresser Pereira tomará o café da manhã com os banqueiros do Comitê Credor do Brasil, no Hotel Intercontinental. Às 10h30, fará uma palestra na American Society, e durante a tarde, receberá os editores dos jornais de Nova York. Na segunda-feira, em Washington, seu programa prevê uma reunião com o subsecretário de Estado, John Whitehead, às 10h30, e, uma hora depois, com Barber Conable, no Banco Mundial, onde almoça e assina os empréstimos concebidos ao Brasil nos últimos dois meses. Às 14h45, ele encerra sua visita com uma entrevista coletiva na embaixada brasileira. Nas cartas dos leitores, do **The New York Times** de ontem há uma que pode interessar ao ministro. Assinada por um antigo diretor do conselho de qualidade do meio ambiente, Kevin T. Mullen, ela sugere que as instituições financeiras internacionais baseadas nos Estados Unidos suspedam o pagamento de juros pelo Brasil por cinco anos, e que o Brasil, então "financeiramente saudável", trabalhe com o governo norte-americano e com organizações ecológicas para desenvolver "um sistema de proteção para a bacia Amazônica".